

PMDB só mostra unidade quando vai pedir voto

Villas-Bóas Corrêa

O PMDB que se aproxima da Convenção Nacional do próximo fim de semana com a alma em sobressalto, oscilando entre o receio de que se consume oficialmente a sua crônica divisão e a rêsia de esperança de mais uma manobra esperta do Dr. Ulysses Guimarães para esticar o fingimento da unidade, já renunciou às prerrogativas e deveres de maioria há muito tempo, pelo menos desde a instalação da Constituinte.

O anteprojeto de Constituição, que está sendo lapidado pelas pedras da rejeição, coberto de ridículo por alguns dos seus artigos de redação confusa, roçando pelo bestialógico, a resultante da divisão do PMDB, dos seus encolhimentos táticos, do modelo plantado pela insopitável inclinação demagógica da legenda que desapareceu no governo a receita das mudanças e arquivou os compromissos da adversidade.

Sem projeto — Como o PMDB é incapaz de confluir para um projeto político articulado, e que presente a maioria do partido aceita pela minoria, a sua bancada inflada pela avalanche de votos do Cruzado escapuliu pela tangente da fórmula engenhosa e inédita de montar a futura Constituição a partir de

coisa nenhuma. Essa foi inspiração que frutificou no regimento interno, inovador mas com uma margem de risco que hoje já se identifica como catastrófica.

A alternativa era singela: um partido com as responsabilidades de maior agremiação da história política do país deveria investir-se na plenitude consequente de sua liderança, para propor um anteprojeto constitucional, com o selo da legenda, e só então convocar a sociedade para o debate, as sugestões, a formulação de suas reivindicações. Ou, encolher-se para driblar os seus desacertos internos e inverter o escalonamento clássico, cimentado na experiência internacional e atirar-se à novidade de principiar pelo fim, primeiro recolhendo sugestões e propostas populares para depois tentar ordenar o caos. Está dando no que está aí.

O malsinado anteprojeto do relator da Comissão de Sistematização, deputado Bernardo Cabral, não é ruim porque acolhe todos os pleitos encaixados pela pressão de minorias atuantes. Mas porque falta o projeto básico do partido majoritário.

O contraste é definitivo: pequenos partidos lograram superar as deficiências de estrutura e montaram ou assinaram as suas propostas, desdenhadas pelo PMDB ao lixo. Os arquivos guardam os esboços oriundos do PT, do PC do B, do PCB. A OAB também encaminhou o seu texto. E, com mais ruído e pompa, a comissão de sábios do senador Afonso Arinos elaborou um anteprojeto extenso, depositando o calhamaço nas mãos do presidente José Sarney. Daí, deslizou

para o Diário Oficial, com o Planalto enxugando as mãos lavadas na bacia do descompromisso.

Conveniências — A unidade do PMDB é, portanto, um expediente puramente eleitoral. O partido nunca se apresenta responsabilmente definido nas horas graves e difíceis. Junta-se no oba-oba do sucesso, nos instantes festivos, quando tudo corre bem. Quando se exige a cota de desgaste, o PMDB abre os gomos da sua divergência e repete à exaustão o sovado truque de ocupar todos os espaços. Não é presidencialista nem parlamentarista; não assumiu os ônus mas apenas as vantagens de partido do governo; não é a favor e nem contra a realização de eleições presidenciais diretas logo depois de promulgada a Constituição; hesita e balança entre quatro, cinco ou seis anos de mandato para o presidente José Sarney. Não se sabe o que o partido pensa sobre coisa nenhuma: seu programa é um texto para os artificios das interpretações e pode ser torcido e distorcido à vontade do freguês ou ao sabor das conveniências. Agora, diante do Plano do seu Ministro Bresser Pereira, o PMDB estaca, na gíngua do malandro que dissimula até ver onde param as modas para aderir ao êxito ou repudiar o insucesso.

A alegação enfática de que o PMDB precisa preservar a sua unidade de para garantia do processo de transição é apenas uma tirada eloquente que não resiste à menor análise.

O PMDB só se une no seu interesse, nas necessidades da campanha para recolher os votos do consenso.

2 JUL 1987

JORNAL DO BRASIL